



Trabalho de 1948 em que Barros fez desenho sobre o negativo com ponta-seca e nanquim

## Camargo Vilaça expõe fotos de Geraldo de Barros e Vik Muniz

**DANIEL PIZA**

Da Reportagem Local

**Exposição:** Fotoformas  
**Fotógrafo:** Geraldo de Barros  
**Sinopse:** 31 fotos originais  
**Preços:** de US\$ 3.000 a US\$ 5.000 cada foto  
**Exposição:** Fotografias de Arame  
**Fotógrafo:** Vik Muniz  
**Sinopse:** nove fotos  
**Preços:** US\$ 1.500  
**Onde:** Galeria Camargo Vilaça (r. Fradique Coutinho, 1.500, Vila Madalena, região oeste de São Paulo)  
**Quando:** abertura hoje, às 20h

Depois da exposição no Museu da Imagem e do Som no final do ano passado, surge nova chance de ver as fotos prodigiosas de Geraldo de Barros — e, para os abonados, de comprá-las.

A montagem da exposição recria a originalmente concebida pelo artista na exibição de "Fotoformas" em 1950, no Masp.

Os quadros não são colocados apenas nas paredes, mas pendurados em tubos que vão do chão ao teto ou apoiados em pedestais.

Nas 31 fotos expostas na Camargo Vilaça comparecem todas as fases do trabalho realizado por Barros, 71, nos anos 40.

E exatamente o que impressiona é a qualidade equivalente de cada fase, ainda que elas tenham estilos completamente distintos.

Há as fotos que Barros fez num muro do Tatuapé (bairro de São Paulo) em que aproveita as asperezas e buracos da superfície para

achar figuras e grafismos que lembram os que o artista suíço Paul Klee (1879-1940) pintava.

Nessas imagens, Barros marca as figuras com intervenções de nanquim e ponta-seca, instrumento pontudo com o qual raspava diretamente no negativo das fotos.

Essa fase data de 1948 e 1949. Nesse período Barros, sob influência do crítico Mário Pedrosa (1900-1981), estava interessado na teoria da Gestalt — segundo a qual a imagem que temos à primeira vista pode ocultar as imagens que, olhando mais atentamente, se pode ver na mesma estrutura.

Assim, Barros quer mostrar que no muro não existe apenas uma superfície de pedra, mas outras formas que cabe ao olhar criativo descobrir, tal como se descobrem formas de animais nas nuvens.

Outra fase, posterior (de 1949 a 51), é propriamente a da série "Fotoformas", que reúne as fotos construtivistas de Barros.

Essas fotos também costumam ser chamadas de abstratas, porque não têm a intenção de representar nada, de retratar aspecto algum da realidade, porque seriam, antes, exercícios de geometria.

Elas são resultado de fotos que Barros fez de vidros e estruturas de ferro da Estação da Luz. Barros procurou as formas geométricas, padronizadas, com atenção especial para suas sombras.

Depois, recortando os negativos, fez justaposições e superposições

dessas formas, dando ritmo à composição, como fazia na pintura o holandês Piet Mondrian (1872-1944), por exemplo.

Mas, ainda que partam de estruturas geométricas, essas fotos não são puramente abstratas. Ao valorizar o ritmo e brincar com as sombras e outros elementos menos exatos (como o reflexo de uma árvore no vidro), Barros lhes dá uma carga simbólica.

Há também as fotos mais do período inicial, que ainda retratam objetos (garrafas de leite, telhados de Paris, pessoas), mas em que já se vê a preocupação de Barros com formas estruturadas.

Naturalmente, a fase das "Fotoformas" ficou mais célebre porque é pioneira no Brasil, onde até então só se fazia retrato.

O construtivismo já era praticado na URSS desde os anos 20, quando artistas como Rodchenko, Malevitch e Tatlin usaram a disposição rígida das formas como estilo, inclusive na fotografia.

Barros não conhecia a fotografia russa, mas seu trabalho leva adiante o formalismo, pela menor rigidez. Realmente prodigioso.

Também a partir de hoje, a Camargo Vilaça expõe fotos do brasileiro Vik Muniz, 33, radicado em Nova York (EUA).

Ele faz figuras em arame e depois as fotografa. O resultado parece desenho com relevo — e nisto reside sua curiosidade. Mas não se ultrapassa o estágio de retrato.